

## *A Criança Misteriosa*

*... continuação*

Uma luz maravilhosa brilhava na sombra de um escuro arbusto, mesmo em frente das crianças. Brilhava através das folhas trémulas, como uma lua resplandecente e, por entre o sussurrar das árvores, as crianças ouviram um som calmo, parecido com o vento a tocar harpa melodiosamente. As crianças sentiram-se diferentes. A sua mágoa passou e, embora tivessem lágrimas nos olhos, estas eram causadas por uma suave tristeza que nunca tinham sentido. E, à medida que aquela luz brilhava mais e a música maravilhosa se tornava mais perceptível, os corações das crianças batiam com mais força. Observavam atentamente a luz, quando se aperceberam de que era o rosto de uma linda criança, iluminada pelo sol, a sorrir-lhes e a acenar-lhes do arbusto.

– Vem cá! Oh, vem cá! – gritaram Christlieb e Félix, aos saltos, de mãos dadas.

– Já vou! Já vou! – gritou a criança numa voz muito doce, flutuando como a brisa da manhã. E aproximou-se de Félix e Christlieb.

– Ouvi-os a chorar, ao longe – disse a criança – e tive pena de vós. Meus queridos, o que se passa?

– Não estamos bem certos – disse Félix – mas agora penso que estávamos com saudades tuas!

– Sim – disse Christlieb – e agora estamos outra vez contentes! Oh, por que andaste desaparecida tanto tempo?

As crianças sentiam que conheciam desde sempre a misteriosa criança, que já tinham brincado juntos, e que tinha sido simplesmente a perda da sua companheira de folguedos que os tornara tristes.

– Não temos brinquedos – disse Félix – porque eu fui palerma e deitei fora todas aquelas coisas engraçadas que o meu primo me deu; mas ainda podemos brincar juntos com aqueles jogos, não podemos?

– Oh, Félix! – disse a criança misteriosa, a rir. – Os brinquedos que deitaste fora não valiam grande coisa e vocês têm aqui à vossa volta os mais espantosos brinquedos que alguma vez viram!

– Onde? Onde é que estão? – gritaram Christlieb e Félix.

– Olhem em redor – disse a criança. Então Félix e Christlieb viram lindas e luminosas flores de espécies variadas a espreitarem da relva espessa. Havia seixos coloridos e conchas de cristal cintilante, e pequenos escaravelhos a zumbirem suavemente numa dança contínua.

– Vamos construir um palácio! Ajudem-me a apanhar alguns escaravelhos! – disse a criança misteriosa, juntando as pedras coloridas. Christlieb e Félix assim fizeram, e a misteriosa criança trabalhou com tanta destreza que depressa se ergueram altas colunas a brilhar ao sol como metal polido, cobertas por um telhado dourado. A criança misteriosa beijava as flores que despontavam da relva e se erguiam com um suave sussurro e se entrelaçavam formando aromáticas arcadas, por baixo das quais as crianças dançavam alegremente. Depois, bateu palmas e o telhado dourado do palácio voou zumbindo (pois os pequenos escaravelhos dourados tinham-no feito com as suas próprias asas). Os pilares dissolveram-se num claro ribeiro murmurante e as flores descansaram nas suas margens.

Depois, a misteriosa criança apanhou molhos de relva e alguns pequenos galhos das árvores. Os molhos de relva transformaram-se em lindas bonecas e os galhos em pequenos caçadores. As bonecas dançavam à volta de Christlieb e sentaram-se no seu regaço, murmurando:

– Sê gentil para nós, querida Christlieb!

Subitamente, tudo desapareceu.

– Oh! – gritaram Félix e Christlieb. – Onde estão as bonecas? Onde estão os caçadores?

– Ao vosso dispor sempre que queiram! – disse a misteriosa criança.

– Mas não gostariam de ir agora até à floresta?

– Sim, sim! – disseram Félix e Christlieb. Então, a misteriosa criança pegou-lhes nas mãos e disse-lhes:

– Venham, então! – E partiram. Contudo não podemos dizer que eles caminharam! Não, as crianças pareciam flutuar através da floresta e das clareiras, enquanto pássaros de penas brilhantes voavam sobre elas. Depois, a criança misteriosa tirou uma pequena trompa dourada, dizendo:

– Agora vou tocar-vos uma música de despedida, mas amanhã voltarei!

A criança tocou e os rouxinóis cantaram, mas, subitamente, as notas da trompa e o cantar dos pássaros desapareceram, e tudo o que se conseguia ouvir era o murmurar dos arbustos por onde a criança desaparecera.

– Amanhã... amanhã voltarei! – disse uma voz longínqua.

Félix e Christlieb nunca se tinham sentido tão felizes!

– Oh, se fosse já amanhã! – disseram, correndo para casa para contarem aos pais o que tinha acontecido na floresta.

– Acho que as crianças estiveram a sonhar! – disse Sir Thaddeus à mulher, quando Félix e Christlieb contaram a sua história.

– Mas, como pode ter sido o mesmo sonho, ao mesmo tempo? Não sei o que pensar! – disse a mulher.

– Talvez a criança misteriosa seja apenas Gottlieb, o filho do professor da aldeia vizinha, que tenha estado a encher-lhes a cabeça com disparates!

Mas Sir Thaddeus não era da mesma opinião. Perguntou a Félix e Christlieb como era a criança e que roupas vestia. Ambos disseram que tinha a face branca como um lírio, as maçãs do rosto da cor das rosas, os lábios vermelhos como cerejas, os olhos azuis e brilhantes e caracóis dourados. Mas, quanto às roupas, elas não se comparavam com o casaco e calças azuis às riscas e ao boné de couro preto que Gottlieb usava. Enquanto Christlieb dizia que a criança tinha um encantador vestido feito de pétalas cor-de-rosa, Félix dizia que ela usava um fato verde-claro, como folhas tenras ao sol.

Félix achava que a criança misteriosa era um rapaz, e Christlieb dizia que era uma menina, e não conseguiam chegar a uma conclusão.

– Só preciso de seguir os miúdos na floresta para ver que criança é esta – disse Sir Thaddeus à mulher. – Contudo, acho que lhes podia estragar o divertimento, e não é isso que tenciono fazer.

No dia seguinte, a criança misteriosa estava, de novo, à espera deles, para lhes mostrar as coisas mais espantosas. Falou às árvores, aos arbustos, ao ribeiro, às flores, e todos respondiam numa linguagem que as crianças entendiam. Elas próprias entraram alegremente na conversa. Ao entardecer, quando os rouxinóis começaram a cantar, a misteriosa criança levou-os a voar, em direcção às nuvens alaranjadas do pôr-do-sol, que pareciam lindos edifícios.

– Os meus castelos! – disse a criança. – Mas não vamos lá hoje!

Depois, inesperadamente, Félix e Christlieb encontraram-se de regresso a casa, junto dos pais, sem saberem muito bem como é que tinham regressado.

Um dia, Félix e Christlieb estavam sentados num lindo pavilhão que a misteriosa criança tinha construído com grandes lírios, rosas resplandcentes e brilhantes tulipas.

– Mas, de onde vens? – perguntou Félix. – E para onde vais quando desapareces tão depressa que não podemos seguir-te?

– Oh, querida menina! – disse Christlieb. – Sabes que a mãe acha que tu és Gottlieb, o filho do professor?

– Está calada, sua tonta! – exclamou Félix. – Se a mãe tivesse visto este rapaz, jamais diria que era o Gottlieb! Agora diz-me onde moras. No Inverno, poderemos ir visitar-te a casa, quando estiver demasiado frio para podermos passear na floresta.

– Sim, sim! – disse Christlieb. – Conta-nos onde vives, quem são os teus pais e, mais importante ainda, diz-nos o teu nome!

A criança misteriosa olhou-os muito séria, quase triste, e disse a suspirar:

– Queridos meninos, por que querem saber onde moro? Venho brincar convosco todos os dias. Não é suficiente? Poderia dizer que moro detrás daquelas montanhas azuis que parecem nuvens lá longe. Contudo, se vocês caminhassem durante dias e dias até conseguirem alcançá-las, encontrariam outras tão distantes como as primeiras e outras atrás dessas, e assim sucessivamente, e nunca chegariam à minha terra.

– Então tu vives a centenas de quilómetros, e és apenas um visitante? – perguntou Christlieb com tristeza.

– Ouve, querida Christlieb – disse a misteriosa criança. – Quando vocês me querem realmente, eu venho logo, e trago-vos coisas maravilhosas da minha casa! Não é o mesmo que estarmos lá todos juntos a brincar?

– Não é bem – disse Félix. – A tua casa deve ser um sítio lindo e, apesar do que dizes, tenho muita vontade de a conhecer. Hei-de conseguir lá chegar!

– Se assim é, conseguirás! – disse ela, com um sorriso alegre. – Se tens assim tanta vontade, é como se já lá estivesses! A minha terra é muito mais bonita do que aquilo que eu posso contar. A minha mãe é a rainha, e satisfaz todos os desejos.

– Então, és um príncipe! – Então és uma princesa! – gritaram, ao mesmo tempo, Félix e Christlieb, fascinados.

– Sim, na verdade sou! – disse a misteriosa criança.

– E suponho que vives num belo palácio! – continuou Félix.

– Sim – disse ela – o palácio da minha mãe é ainda mais bonito do que aqueles castelos cintilantes que vês no ar. Ergue-se até ao céu azul em delgadas colunas de cristal puro, e o céu cobre-o como se fosse o telhado. Nuvens brilhantes e douradas navegam por esse telhado, o sol nasce e deita-se com uma luz ténue, e estrelas cintilantes dançam à sua volta. Queridos meninos, já devem ter ouvido falar de fadas e já devem ter adivinhado que a minha mãe é uma fada. A mais poderosa de todas. Gosta de tudo o que vive e cresce na terra, e acima de tudo, gosta de crianças. As festas que organiza para elas no seu reino são melhores do que as que vocês poderão imaginar. O seu cortejo voa através das nuvens, estendendo um brilhante arco-íris de uma ponta à outra do castelo. Por baixo, fica o trono da minha mãe, de diamantes puros, apesar de parecerem lírios, cravos e rosas, e cheirarem tão bem como eles. Os seus músicos tocam harpas douradas e pratos de cristal. Os cantores acompanham-nos: são lindos pássaros, maiores do que águias, com penas púrpura. E quando a

música começa, tudo ganha vida no palácio. Milhares de crianças dançam, brincam e gritam de alegria, atiram flores umas às outras, trepam às árvores, sobem e descem rochedos de vento, apanham deliciosos frutos dourados, brincam com veados dóceis e outros animais que saltam do bosque cerrado ao seu encontro. Elas correm sem medo, subindo e descendo o arco-íris, ou passam, montadas em lindos faisões dourados, através das nuvens.

– Oh, que maravilha! Leva-nos para a tua terra e ficaremos lá para sempre! – gritaram Félix e Christlieb, encantados.

– Não – disse a misteriosa criança – não posso levar-vos. É muito longe, e precisavam de saber voar como eu.

Depois, a criança continuou a contar mais coisas sobre o reino dos duendes, e sobre o inimigo da rainha, um malvado espírito que se tornou ministro e tentava magoar as crianças, os pássaros que cantam e todos os animais dóceis. Ele tentara apoderar-se do trono da sua mãe, aparecendo sob a figura de uma mosca monstruosa, mas todos o reconheceram como sendo o malvado Pepser, o Rei dos duendes.

– Contudo – disse a criança – o Príncipe Faisão teve um duelo com Pepser e destronou-o. Depressa tudo voltou à normalidade no reino da minha mãe... mas Pepser segue-me quando deixo o reino, e tenta fazer-me mal. E é por isso, meus queridos, que às vezes fujo muito depressa. Se vos levasse para minha casa, Pepser via-nos e de certeza que nos matava.

Félix e Christlieb correram para casa, a fim de contarem aos pais a história, mas pararam quando viram Sir Thaddeus de Brakel a vir ao seu encontro com um homem estranho a acompanhá-lo.

*... continua na próxima semana*